



O CONTEÚDO GÊNERO EM DISCIPLINAS DE PSICOLOGIA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Ana Cristina Nassif Soares¹

Resumo

Esta pesquisa analisou se há conteúdo relativo a **Gênero** presente em programas de ensino da matéria Psicologia, em cursos de graduação em Serviço Social, de instituições de ensino superior (IES) do estado de São Paulo. Selecionei setenta e sete IES que foram contatadas virtualmente, via e-mail, redes sociais ou plataforma das próprias IES. Deste total obtive resposta de cinco IES e outras duas disponibilizavam seus programas de disciplinas em seus próprios sites, perfazendo um total de sete IES sujeitos. Destas sete IES, obtive treze programas de disciplinas obrigatórias. Dos programas analisados, apenas dois de IES diferentes possuem algo relacionado ao tema escolhido. Mesmo assim, não há bibliografia citada que dê suporte ao desenvolvimento do tema investigado.

Palavras-chave: Psicologia. Gênero. Ensino superior.


Introdução

Depois de 19 anos (completados em fevereiro de 2014, ano de início desta pesquisa) como docente da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Franca (FCHS – UNESP), especificamente no curso de graduação em Serviço Social, decidi mudar meu foco de pesquisa. Esse seria o momento de mudar minhas investigações e reflexões para a Psicologia, enquanto área do conhecimento científico presente neste curso.

A ideia, então, foi poder contribuir com o curso de graduação em Serviço Social ao qual pertencço, trazendo programas da disciplina Psicologia, com seus conteúdos e bibliografias, de outros cursos de graduação em Serviço Social, do estado de São Paulo. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi o de refletir sobre programas de ensino da matéria Psicologia, através de suas disciplinas, em cursos de graduação em Serviço Social, de faculdades do estado de São Paulo. Como objetivos específicos analisei os programas de ensino da área de Psicologia com relação a suas bibliografias básica e complementar, quando existentes, os programas de ensino da área de Psicologia com relação aos conteúdos

¹ Psicóloga, doutora em Psicologia (FFCLRP-USP), líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Famílias (GEPEFA); docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista - UNESP – Franca; anassif48@gmail.com





programáticos e identifiquei necessidades mencionadas em documentos do Serviço Social, referentes à interface com a área da Psicologia.

No entanto, além das análises dos conteúdos e bibliografias dos programas me chamou a atenção o fato de não haver, em sua maioria, conteúdos relativos a **Gênero**. Este é, então, o recorte que decidi focar neste trabalho. Em tempos tão conservadores e, preocupada com a formação profissional de alunas/os entendo ser este um dos focos que cursos de graduação em Serviço Social devem ter e, porque não, este conteúdo estar nas disciplinas de Psicologia que compõem os cursos em questão.

Gênero(s)²

Uma das estudiosas de gênero que contribuem significativamente para a discussão do assunto é a historiadora americana Joan Wallach Scott. Esta define gênero como possuindo duas partes interligadas e distintas apenas didaticamente. Para ela:

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1990, p. 14).

Scott traz para sua conceituação de gênero a dimensão do poder, importante aspecto presente em todas as nossas relações; desde tempos imemoriais, mas não desde sempre, a mulher foi subjugada pelo homem e, por conseguinte, por questões das construções de gênero.

Com relação às diferenças percebidas, o gênero compreende quatro elementos, a saber: os símbolos disponíveis em contextos determinados, como por exemplo, aqueles pertencentes à tradição cristã ocidental, Eva e Maria, contraditoriamente representando a mulher “pecadora” e a “santa”. Esta tradição provoca uma dicotomia entre as próprias mulheres... Ainda hoje há discursos que se referem a “meninas para ficar” e “meninas para casar”!


Há também os conceitos normativos que enfatizam as interpretações dos referidos símbolos:

Estes conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino. [...] A posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível. (SCOTT, 1990, p. 14-15).

Esta posição é descrita como resultado de um consenso social, quando, na verdade, é produto de conflitos. Assim, são prescritos aos homens comportamentos masculinos

² Este texto foi extraído e baseado no livro “Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico”, publicado em 2002, a partir da minha tese de doutoramento, de mesmo título.





idealizados do tipo “homem é forte, não chora” e às mulheres, os do feminino, “mulher é apaziguadora, delicada, emotiva”.

O terceiro aspecto da definição de gênero é buscar a natureza do debate ou da repressão que provocam a aparência de uma constância eterna na representação binária do gênero. Para isso, deve-se utilizar a noção de política, das instituições sociais e da organização social, já que são estas que facilitam a rigidez dos conceitos: “[...] ele [o gênero] é construído igualmente na economia e na organização política [...]” (SCOTT, 1990, p. 15).

O último elemento do gênero é a identidade subjetiva. Descartando a psicanálise tanto freudiana como lacaniana por sua pretensa universalidade, Scott (1990) insere a dimensão histórica nestes estudos:

Os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas. (SCOTT, 1990, p. 15).

Aqui são levantados pela autora vários aspectos, como por exemplo, o modo como são ensinadas nas escolas visões sobre o masculino e o feminino e como homens e mulheres vão se construindo enquanto tal, cristalizando e eternizando tais crenças arraigadas do feminino e do masculino.

Com relação ao poder, presente na segunda proposição da autora:

[...] o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 1990, p. 16).

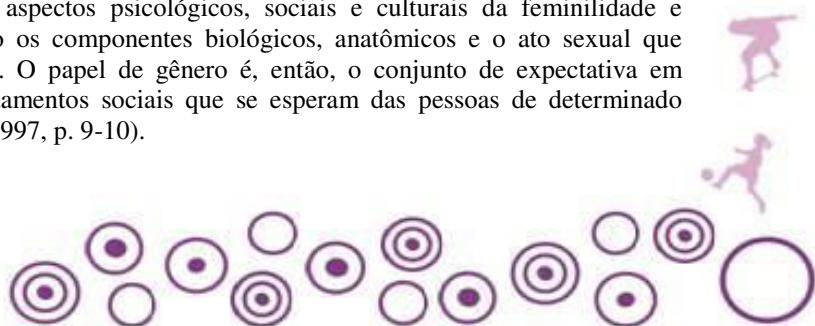
Seriam, então, as maneiras ligadas à divisão sexual do trabalho, da procriação e da reprodução, ou seja, das diferenças biológicas que servem de sustentáculo ao poder.


Para Saffioti (1992), o gênero deve ser visto sempre do ponto de vista relacional, e comenta a definição de Scott (1990, p. 14), citada acima:

[...] Embora aparentemente as diferenças anatômicas entre homens e mulheres adquiriram relevância na postura sob enfoque, na verdade, a ênfase é posta sobre o “percebidas” e não sobre as “diferenças”. Desta sorte, o vetor vai do social para o anatômico e não o inverso. Ou melhor, o social engloba tudo, na medida em que o anatômico só existe enquanto percepção socialmente modelada. (SAFFIOTI, 1992, p. 197) (grifos nossos).

Desta forma, as relações de gênero são construções sociais, situadas em um tempo e em um espaço próprios. Reforçando esta ideia, Marodin (1997) assim define gênero:

[...] entendemos os aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e masculinidade e não os componentes biológicos, anatômicos e o ato sexual que caracterizam o sexo. O papel de gênero é, então, o conjunto de expectativa em relação aos comportamentos sociais que se esperam das pessoas de determinado sexo. (MARODIN, 1997, p. 9-10).





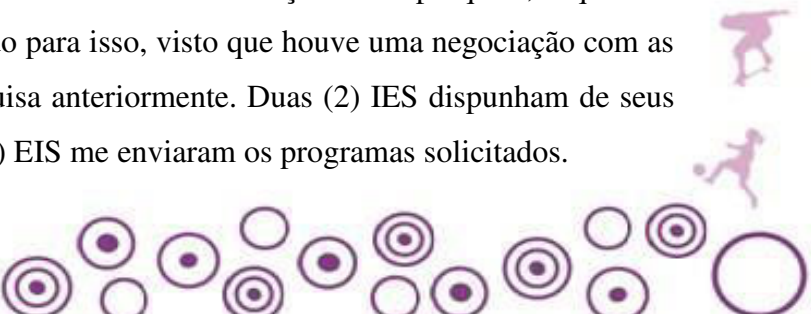
Assim, a estrutura social é determinante nas funções a serem desempenhadas por homens e mulheres, naturalizando-as como “próprias” de seus respectivos gêneros. Historicamente, com o surgimento da propriedade privada e da luta de classes, o homem passou a exercer domínio sobre a mulher. Entre as manifestações desta condição estão a reprodução e a fidelidade conjugal feminina, características da família monogâmica. Esta “cartilha” com as regras prescritas será diferente a cada período histórico, dependendo da cultura e das classes sociais.


Além disso, atualmente, estudos apontam para a constituição também cultural dos sexos; gênero também passou a ser visto como uma categoria não binária, indefinida e/ou espectral.

Metodologia

Em levantamento elaborado por Almeida (2016), existiam seiscentas e dezessete (617) IES no Brasil que ofertavam cursos de graduação em Serviço Social, tanto presenciais, quanto à distância ou ambos; com a delimitação da amostra referente à região Sudeste do Brasil, Almeida (2016) chegou a duzentas e quatro (204) IES, com duzentos e quatorze (214) cursos presenciais e à distância, e destas, algumas ofereciam os dois formatos; para a amostra final de minha pesquisa, setenta e nove (79) IES dispunham de cursos à distância e presenciais, em um total de setecentos e trinta e oito (738) cursos oferecidos. Optei por excluir os cursos à distância; não me interessava esta modalidade de curso, pois não acredito ser este formato o melhor para cursos de graduação. Além disso, escolhi estudar somente as IES do estado de São Paulo, por ser onde se situa a IES na qual trabalho. Destas IES, somente duas eram de natureza pública e setenta e sete (77) privadas ou autarquias. Restaram setenta e oito (78) IES, pois a UNESP – Franca foi retirada da lista, por ser a minha IES. Além desta, na lista das IES recebida de Almeida (2016) havia uma IES contada duas vezes, perfazendo, então, o total de setenta e sete (77) IES. Todas foram consideradas sujeitos desta pesquisa.

Das setenta e sete (77) IES contatadas virtualmente, trinta e sete (37) não responderam às mensagens enviadas; dezoito (18) não ofereciam mais o curso de Serviço Social e/ou passaram a oferecer o curso somente à distância. Não encontrei qualquer forma de contato de treze (13) IES. Duas (2) IES somente aceitariam enviar os programas das disciplinas se eu enviasse uma carta da UNESP – Franca confirmando a realização desta pesquisa, o que não foi possível em função do tempo requerido para isso, visto que houve uma negociação com as IES, tendo eu enviado o projeto de pesquisa anteriormente. Duas (2) IES dispunham de seus programas em seus sites e outras cinco (5) IES me enviaram os programas solicitados.





Desta forma, sete (7) IES compõem os sujeitos desta pesquisa, sendo seis (6) particulares e uma (1) pública. Destas sete (7) IES que responderam ao meu pedido ou das quais obtive os programas através de seus sites, totalizam treze (13) programas de disciplinas ligadas à Psicologia a serem, então, analisados.

Resultados

Dos 13 programas analisados, somente dois fazem menção ao tema. No entanto, Gênero aparece somente como um subitem, com pouco ou nenhum destaque: em um deles aparece associado a poder; no outro, é a segunda palavra de um subitem. O que chama a atenção mais ainda é a inexistência de referências citadas na bibliografia que os embasem, tanto em bibliografia básica como complementar.

Reflexões finais

Conforme já salientei, das setenta e sete instituições contatadas, apenas 7 se tornaram sujeitos desta pesquisa, o que se constitui uma pequena amostra das IES; entretanto, obtive treze programas a serem analisados e somente em dois destes aparece a palavra Gênero.

O Brasil, contexto ao qual pertencem os cursos pesquisados, passa por um momento de retrocesso. Obtivemos avanços significativos relativos aos direitos de pessoas LGBTI³ e das mulheres nos últimos anos, e que estão seriamente ameaçados.

Preconceitos que estavam sendo enfrentados para sua desconstrução, se acirram cada vez mais, no sentido da exclusão/eliminação de pessoas que não se enquadrem no perfil dominante: homem, branco, heterossexual e rico.


O Brasil registrou um (1) estupro a cada 11 (onze) minutos em 2015 (SOARES, 2017). Entre as mulheres negras, o índice de mortalidade por violência subiu 22%, entre 2005 e 2015 (IPEA, 2017). A cada 7.2 segundos uma mulher é vítima de violência física. (SOARES, 2017).

Com relação à população LGBTI, as mortes violentas desta população no Brasil, até setembro de 2017 era de 227, perfazendo um total de 1,05 mortes por dia, segundo o Grupo Gay da Bahia.

Estes dados foram colocados aqui, ao final deste trabalho, com o propósito de chamar a atenção para o estado de violência em que vivemos no Brasil. Como é possível não falar sobre Gênero nas IES, por meio da Psicologia? Por que as IES pesquisadas não contemplam o tema Gênero em seus programas de disciplinas de Psicologia?

³ Sigla que designa pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais.





Em primeiro lugar, o número de cursos de Serviço Social é altíssimo e apesar da forte atuação da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), torna-se quase impossível acompanhar todos os cursos de graduação, com a mercantilização da educação. Em segundo lugar, a formação em Psicologia se enfraquece, na medida que também é aprovada a abertura de novos cursos de graduação na área, o que piora a qualidade da educação em Psicologia. Os conselhos de Psicologia no Brasil são atuantes, porém somente isso não resolve, já que sua função é fiscalizar o exercício profissional da/o psicóloga/o. É necessário o fortalecimento da Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) para que sua atuação possa aproximar as diretrizes dos conselhos de Psicologia da formação da/o profissional.

Além disso, há resistências explícitas por parte de seguimentos sociais para que Gênero não seja discutido nas escolas. Nessa linha, o projeto de lei criado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib, conhecido como “Escola sem partido”, ganhou visibilidade nacional, ao representar o conservadorismo de nossa sociedade. Este projeto defende a neutralidade de ideias nas escolas, para que não haja influências religiosas, partidárias, morais, políticas e ideológicas sobre as/os alunas/os (BORGES, 2018). O projeto de lei em questão ensina sim o conservadorismo, a restrição de liberdade e reforça ideias positivistas.

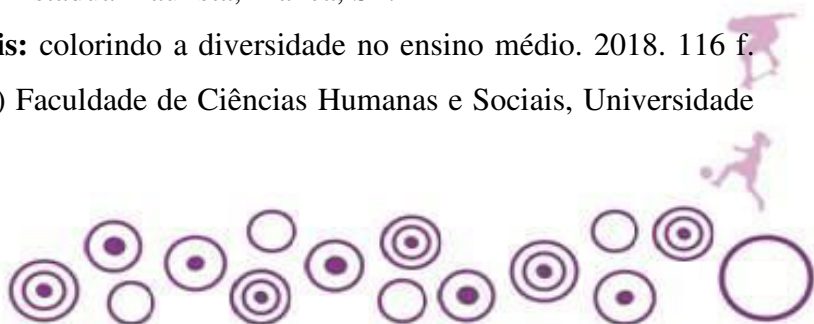
Há, ainda, questões religiosas no Brasil, interferindo diretamente na formação “pessoal” profissional; uma forte contradição se estabelece entre a formação crítica na Psicologia e o que cada profissional/professora/r “acha” sobre gênero, decidindo não ministrar esse conteúdo.

Acredito ser necessário que nós retomemos o Código de Ética Profissional do Psicólogo e reafirmemos nosso juramento quando da formatura, no sentido de colaborarmos para a construção de uma Psicologia Crítica, voltada para o fim dos preconceitos de gênero/orientação sexual, de raça, de classe social e etnias, para que possamos atuar na docência de forma crítica.

Referências

ALMEIDA, T. R. **O estudo da disciplina Direito e Legislação Social nos cursos de Serviço Social: “o sapatinho de cristal”**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP.

BORGES, M. A. **Entre trevas e arco-íris: colorindo a diversidade no ensino médio**. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade





Estadual Paulista, Franca, SP.

IPEA. **Atlas da Violência no Brasil**. IPEA e FBSP, 2017.

MARODIN, M. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: STREY, M. N. **Mulher, estudos de gênero**. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 9-18.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**, v. 2, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SOARES, A. C. N. **Mulheres chefes de família**: narrativa e percurso ideológico.

Franca: UNESP-FHDSS, 2002.

SOARES, N. **Em números**: a violência contra a mulher brasileira. Estadão, SP, 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

